



Resenha

"Quem sou eu?": pretexto para um diálogo

"Who am I?": a pretext for a dialogue

Paulo Roberto de Andrada Pacheco
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Brasil

Mahfoud, M. (Org.) (2017). *"Quem sou eu?": um tema para a psicologia*. Belo Horizonte: Artesã.

Com uma carreira coroada pela originalidade da proposta de revisão da prática clínica em Psicologia a partir do desenvolvimento do conceito de "experiência elementar" (cf. Mahfoud, 2012), o organizador/autor dessa obra, o psicólogo Miguel Mahfoud, traz a público aquele que se pode considerar seu texto mais bem-acabado. Não apenas pela qualidade do desenvolvimento teórico - em termos conceituais, como também em termos críticos -, mas inclusive pela forma de apresentação do argumento.

Miguel Mahfoud, se considerarmos sua trajetória acadêmica, ocupa, sem dúvida, lugar de destaque na história da Psicologia nacional: sua contribuição para a compreensão dos fundamentos da prática psicoterapêutica está solidamente enraizada na sua busca por uma clara definição do objeto da Psicologia. Já desde os trabalhos sobre o Plantão Psicológico (Mahfoud, 1987 e 1999a), é possível encontrar os frutos maduros de quase duas décadas de experiência clínica marcada pela reflexão e o estudo acerca de uma antropologia filosófica que desse conta de sustentar sua atividade com proveito. Saindo da clínica, sem, no entanto, se afastar de suas implicações para o pensamento, Miguel Mahfoud debruçou-se com atenção sobre os fenômenos sociais dos quais o objeto da Psicologia pudesse emergir: e estudou fenômenos comunitários os mais diversos (Mahfoud, 1982, 2001, 2003 e 2007 e Mahfoud e Massimi, 1999). E foi exatamente por se debruçar sobre essas realidades que o organizador/autor da obra objeto desta resenha acabou encontrando a Fenomenologia e, com ela, Edith Stein (Mahfoud e Massimi, 2004 e 2013 e Mahfoud e Savian Filho, 2017). Da reflexão sobre o papel da Fenomenologia como fundamento epistemológico para a Psicologia, e do contato com o pensamento de Luigi Giussani, nasceu aquela que se pode considerar sua contribuição mais original e madura: o texto *Experiência elementar em Psicologia*, de 2012, que serviu de base sobre a qual se construiu uma série de cursos de formação, que chancelou, de forma indiscutível, o relevo de sua contribuição no campo da psicoterapia. É interessante observar, nesse sentido, como a presente obra acaba sendo o remate dessa trajetória, um remate que permite responder ao que estava presente no início,



no meio e no fim de seu percurso... fechando um ciclo que – com o perdão do trocadilho – se abre para novos aprofundamentos.

O texto ora resenhado é organizado em cinco capítulos, três dos quais escritos por três autores diferentes: sendo o primeiro intitulado "Quem sou eu?", o quarto "Experiência primordial" e o último com o título "Que significa 'ser eu'? O problema da identidade pessoal em Edith Stein". Os capítulos 2 e 3 do livro – "Quem sou eu? Acontecimento pessoal na busca de completude" e "Autoconsciência no relacionamento com uma presença: 'teu nome nascia do que fitavas'", respectivamente – são de autoria de Mahfoud (2017).

Há, como se pode intuir, uma relação entre os capítulos, e trata-se de relação que poderia ser descrita como dialógica. Assim, o primeiro capítulo, que é a tradução de um artigo publicado originalmente em italiano na revista *Communio*, em 1988, pelo teólogo suíço Hans Urs von Balthasar (1905-1988), enfrenta a questão "quem sou eu?" levando em consideração sua espessura filosófica – desde Platão até Maurice Blondel – e literária – desde Ésquilo a Dickens –, mostrando como essa não é e não pode ser uma pergunta apenas para quem é filósofo ou especialista, mas trata-se de questão para qualquer pessoa que, no mundo-da-vida, se interesse por tudo o que há na vida e por si mesmo na vida.

O segundo capítulo empreende um caminho semelhante ao do primeiro – também trazendo a contribuição da cultura –, valorizando especialmente o tema da busca que parece sustentar a pergunta-tema do livro. Neste, Miguel Mahfoud começa mostrando como nasce a interrogação sobre si: fundamentalmente do impacto com a natureza e a história. E será essa interrogação a nortear o caminho da pessoa, indicando o ponto onde ela pode experimentar a completude: na origem mesma do eu. De forma que, retomando uma intuição presente no texto precedente, Mahfoud (2017) insiste sobre o fato de o voltar-se para si implicar num voltar-se para a origem:

A pergunta 'Quem sou eu?' é pulsante na relação com o imenso Mistério presente, a pequenez é envolta por grande afeto. Uma experiência ontológica assim, uma tal autoconsciência, não é apenas consciência de si mesmo, de sua história, dos próprios passos: interrogar-se sobre si mesmo é interrogar sobre a existência, num só movimento (p. 60).

Daí, inclusive, se abre espaço para o passo final deste mesmo segundo capítulo: momento em que o autor/organizador mostra como essa autoconsciência que é consciência do Outro que está na origem de tudo, é também "consciência viva e afetiva da totalidade" (p. 64).

O terceiro capítulo, por sua vez, tem início com uma série de perguntas que, replicadas aqui, mostram por si mesmas o grau de importância que o desenvolvimento do tema pode ter:



Como nasce, se desenvolve e se mantém a autoconsciência, no sentido de percepção de si, numa experiência ontológica? Qual a importância da relação com uma alteridade para a percepção autêntica de si mesmo? Como acompanhar a elaboração da autoconsciência? Qual o lugar do profissional para tanto? Questões como essas se mantêm como desafio, ao longo do tempo, para quem se coloque em relações de ajuda (p. 71).

Essas perguntas são enfrentadas ao longo do texto, com o aporte de um poema do filósofo polonês Karol Wojtyła (1920-2005) – “A redenção busca a tua forma para entrar na inquietude de todo homem” – no qual é apresentada a personagem que a tradição cristã usou chamar de Verônica. Numa escrita que revela, para além da maturidade intelectual do autor/organizador, também sua sensibilidade poética e a qualidade de sua reflexão filosófica, Mahfoud (2017), fazendo ressoar a voz de Wojtyła, responde pedindo:

que a pessoa ame o seu percurso a realizar, que se faz presente como convite na própria experiência, provocado pela presença de alguém. Que o ame. Ame a possibilidade que se vislumbra na experiência real. Essa afirmação, tão misteriosa, se dá no que há de simplesmente muito humano. A presença amada está como que contida em tudo. Tudo remete a ela. A tudo dá sentido (p. 106).

Pouco antes dessa conclusão (que é também uma introdução ao que pode nascer quando se decide assumir essa postura), o autor chega ainda a dizer que, para poder “contribuir com o desejo profundo das pessoas que acompanhamos” (p. 98), é preciso o pleno reconhecimento dessa “presença amada” por parte de quem acompanha a pessoa: “Eu é quem preciso afirmar o mistério, no vivo da relação pessoal” (p. 98).

E é essa ideia o fio que conduz à interlocução encontrada no capítulo seguinte. De forma que, além do diálogo constante com o poema do filósofo que virou Papa, o texto de Mahfoud (2017) se abre também como provocação para o texto do filósofo e filólogo polonês Stanislaw Grygiel, que, em alguma medida, acaba por tentar responder às perguntas introdutórias feitas por Miguel Mahfoud, valendo-se do conceito de “experiência primordial”. Grygiel (2017) se vale desse conceito para tratar justamente daquela relação fundamental que estabelecem um “eu” e um “tu” – sinal do “Tu”:

A experiência primordial nos coloca diante da Presença do Outro em cada imediato. Ele se faz presente nos seres imediatamente dados com o Seu agir, não com o Seu ser. A Sua Presença se manifesta ao iluminar-nos, o que nos permite compreender cada imediato – inclusive o nosso próprio ser – como ele é no princípio (*en arche*). Por isso, a experiência primordial não depende de nossa razão, ainda que exija a ação dela. Graças à Presença do Outro, a razão é conduzida na medida em que se abre para acolher os seres junto ao Outro presente a nós. (p. 113).



Definido o conceito, Grygiel (2017) o coloca ao lado de outras ideias fundamentais: experiência, liberdade, relação, acolhimento e doação, autoridade, cultura etc. Há, porém, uma espécie de premissa guiando o autor do texto: a ideia segundo a qual a "experiência primordial" vive uma relação estreita com a "pergunta primordial" (p. 114), aquela pergunta que nasce do "quem sou eu?", aquela pergunta que faz a pessoa viver "segundo a lógica própria do perguntar" (p. 114). A pergunta crucial – a *magna quaestio*: "de onde venho e para onde vou?". Essa pergunta é a que coloca a pessoa diante do Outro, o que salva cada imediato, cada instante. Ao tratar dessa primordialidade da experiência e da pergunta, Grygiel (2017) deixa emergir um conceito que perpassa toda a obra, muito bem distribuído ao longo dos capítulos: acontecimento. A pessoa é um acontecimento, o eu é um acontecimento, a pergunta é um acontecimento, o encontro é um acontecimento, o nós – fruto maduro do encontro eu-tu – é um acontecimento... um acontecimento de salvação.

Finalmente, no capítulo final do livro, o filósofo mexicano Eduardo González de Pierro entra no diálogo como que buscando responder à provocação da *magna quaestio* tal como levantada no capítulo anterior. E o faz valendo-se da obra filosófica de Edith Stein, especialmente da forma como esta autora enfrenta o problema do "ser pessoa". Di Pierro (2017) segue o percurso steiniano desde a "constituição do eu como corpo, psique e espírito diante da alteridade" (p. 129) como aparece fundamentalmente na obra *Zum problem der Einfühlung (Sobre o problema da empatia)* da filósofa alemã, até a compreensão da pessoa como unidade "corpo-alma-espírito" (p. 132) como se encontra na obra de maturidade filosófica da autora *Endliches und Ewiges Sein (Ser finito e ser eterno)*. E, segundo ele, a pergunta "quem sou eu?", nessa obra, leva a autora a referir explicitamente a necessidade de compreendê-la a partir de sua "ligação com Deus" (p. 148):

A pergunta 'Quem sou eu?' encontra em *Ser finito e eterno* uma tentativa de resposta [... na] magnífica interpretação da expressão 'eu sou' da célebre passagem do Antigo Testamento onde Deus manifestado na sarça ardente comunica sua própria identidade a Moisés. [...] Para Stein aquela formulação expressa o *ser pessoal de Deus*: Deus é pessoa, com as propriedades da razão e liberdade. Trata-se do 'ser em pessoa'. Este ponto de partida lhe servirá não apenas para clarificar a essência do Ser eterno que é Deus, mas para dar conta do problema do autêntico e profundo significado do conceito de 'eu' (p. 151).

Eis que, assim – para repetir uma imagem usada antes –, encerra-se um diálogo que, no fundo, reabre outros tantos. Fica claro que esta obra, considerada sua qualidade conceitual e crítica e sua estrutura argumentativa, certamente pode ser contada entre aquelas obras da Psicologia que trazem contribuições essenciais para se pensar não apenas um tema tão importante para a prática clínica, mas inclusive para a própria definição do estatuto



epistemológico da Psicologia: Mahfoud (2017), com seu último texto, consegue provocar a Psicologia mesma a se perguntar sobre o que é, trazendo subsídios para que a pensemos a partir daqueles fundamentos que, historicamente, foram abandonados – e substituídos por tantos “ismos” (o psicologismo, o cientificismo, o subjetivismo, o historicismo etc.) –, numa solução de continuidade que deixou marcas, até hoje, não encaradas e pensadas a partir de dentro... Que tal usar esse argumento como pretexto para um diálogo?

Referências

- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. (M. Mahfoud e M. Massimi, ed. e trad.) Bauru - SP: EDUSC.
- Mahfoud, M. (1987). A vivência de um desafio: plantão psicológico. Em R. L. Rosenberg (Org.). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa* (pp. 75-83). São Paulo: EPU.
- Mahfoud, M. (1999). *Plantão psicológico: novos horizontes*. São Paulo: Companhia Ilimitada.
- Mahfoud, M. (2001). Emoções e imagens sagradas em festa popular brasileira de origem barroca. Em Massimi, M.; Silva, P.J.C. (Org.s). (2001). *Os olhos vêem pelo coração: conhecimento psicológico das paixões na história da cultura brasileira dos séculos XVI a XVII* (pp. 108-121). Ribeirão Preto - SP: Hollos.
- Mahfoud, M. (2003). *Folia de Reis: festa raiz - psicologia e experiência religiosa na Estação Ecológica Juréia-Itatins*. São Paulo/Campinas: Companhia Ilimitada/Centro de Memória da Unicamp.
- Mahfoud, M. (2007). Centro pessoal e núcleo comunitário, segundo Edith Stein: indicações para estudos sobre família. Em Moreira, L.; Carvalho, A.M. A. (Org.s) (2007). *Família, subjetividade, vínculos* (pp. 107-124). São Paulo: Paulinas.
- Mahfoud, M. (2012). *Experiência elementar em psicologia: aprendendo a reconhecer*. Brasília: Universa; Belo Horizonte: Artesã.
- Mahfoud, M.; Massimi, M. (Org.s) (2013). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã.
- Mahfoud, M.; Oliveira, A.A.; Almeida, J.G.; Cavichioli, S. (Org.s) (1982). *Os nordestinos em São Paulo: Depoimentos*. São Paulo: Paulinas.
- Mahfoud, M.; Savian Filho, J. (Org.s) (2017). *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação*. São Paulo: Paulus.
- Massimi, M.; Mahfoud, M. (Org.s) (1999). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola.



Nota sobre o autor

Paulo Roberto de Andrada Pacheco é psicólogo, formado pela Universidade Federal de Minas Gerais, com doutorado em Ciência, na linha de pesquisa de História das Ideias Psicológicas na Cultura Luso-Brasileira, da Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto. Realizou estágio de pesquisa na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, tendo se dedicado ao estudo do tema da "experiência de liberdade". Atualmente, é professor doutor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, atuando fundamentalmente nas áreas de Epistemologia, Fenomenologia e História da Psicologia. E-mail: paulopac@yahoo.com.br

Data de recebimento: 27/09/2017

Data de aceite: 10/10/2017